

ASSENTAMENTO ESTRELA DA ILHA (SP): PERFIL DOS PRODUTORES E CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO E DA COMERCIALIZAÇÃO.

Valéria da Silva Modenese¹
Antonio Lázaro Sant´Ana²
Marcos Estevão Feliciano³
Lucas Cordeiro Rigonato⁴
Flaviana Cavalcanti da Silva⁵

RESUMO

Este trabalho apresenta um diagnóstico socioeconômico das unidades de produção do Assentamento Estrela da Ilha, em Ilha Solteira-SP, criado em 2005 e constituído por 206 famílias, assentadas em lotes com área de aproximadamente 14 hectares. A metodologia foi composta pela aplicação de um questionário a 155 produtores em 2008, buscando levantar informações sobre o perfil das famílias, a produção e a comercialização dos produtos. A maioria dos titulares dos lotes encontrava-se na faixa etária de 41 a 50 anos e 78,1% estudaram no máximo até o final do ensino fundamental. Quanto à profissão exercida pelos titulares antes de se tornarem acampados, verificou-se que a maioria (59,4%) dos produtores não exercia atividade agrícola. Em 50,9% das famílias havia algum membro trabalhando em atividades fora do lote, e destes, 46,8% eram proprietários ou cônjuges. Quanto às atividades desenvolvidas 87,7% criavam bovinos, sendo que 37,4% destes possuíam mais de 20 animais. Problemas de manejo têm acarretado forte sazonalidade da produção de leite, acarretando redução de 52% da produção no período da seca. As culturas plantadas nos lotes mais citadas foram a mandioca, cana de açúcar, milho, abóbora, feijão, hortaliças e frutíferas. Verificou-se a presença de galinhas e suínos em 78,7% e 59,4% dos lotes, respectivamente. Cerca de 60% dos produtores comercializavam algum produto diretamente ao consumidor ou para o comércio varejista. Dentre estes produtos, os mais citados pelos produtores foram a abóbora, mandioca, quiabo, aves, suínos, bovinos, pimenta, maxixe, leite e milho. Se considerarmos que em 2008, o Assentamento Estrela da Ilha tinha cerca de três anos de implantação, estes resultados demonstram um grau de dinamismo significativo.

Palavras-chave: produção e comercialização; assentamento rural; Ilha Solteira (SP).

1. INTRODUÇÃO

¹ Aluna do curso de Agronomia da Unesp Ilha Solteira, e-mail: lelamodenese@hotmail.com.

² Docente da Unesp Ilha Solteira, e-mail: lazaro@agr.feis.unesp.br.

³ Aluno do curso de Agronomia da Unesp Ilha Solteira, e-mail: tevo.f@hotmail.com).

⁴ Aluno do curso de Agronomia da Unesp Ilha Solteira, e-mail: luca_rigonato@hotmail.com.

⁵ Aluna do mestrado de Agronomia da Unesp Ilha Solteira, e-mail: flaviana_cavalcanti@hotmail.com.

Os assentamentos rurais podem ser definidos como a criação de novas unidades de produção agrícola, gerados pelo surgimento de novas formas de organização, por meio de políticas governamentais visando o reordenamento do uso da terra em benefício de trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra (BERGAMASCO e NORDER, 1996).

Contudo, os assentamentos rurais no Brasil não foram constituídos em função de uma política pública planejada. Estes são resultados de mobilizações e lutas empreendidas pelos movimentos sociais. Leite et al. (2004), em pesquisa que abrangeu 92 projetos em várias regiões do país⁶, constatou que 96% dos assentamentos implantados envolveu situações de conflito, e apenas 10% das desapropriações foram requeridas pelo Incra.

A distribuição e redistribuição de terras, em forma de assentamento foi uma política adotada pelo INCRA nos últimos anos, e foi usada também como uma forma de diminuir a pressão dos movimentos sociais na luta pela terra. Por outro lado, além da distribuição de terras, era preciso implantar e incrementar as políticas públicas de atendimento aos assentados, para que os mesmos pudessem produzir e proporcionando-lhes assim melhor qualidade de vida.

Ferreira (2005), com base em dados do Incra, aponta outro fato que mostra as dificuldades de implantação dos assentamentos: três de cada quatro projetos ainda dependem de providências essenciais para sua consolidação, muito embora tenham sido criados há vários anos.

Delgado (2005) aponta que os mecanismos clássicos de fomento produtivo (crédito, assistência técnica suporte à comercialização) estão fragmentados em diversas instituições do setor público federal. Este autor considera que uma política agrícola destinada aos produtores familiares e assentados deve estimular sua organização em bases associativas ou cooperativas, visando viabilizar massivamente a comercialização de seus excedentes, a prestação de assistência técnica e a realização de investimentos em infra-estrutura que lhes permitam elevar a produtividade e aproveitar ganhos de escala.

Apesar destas deficiências a produtividade obtida pelos assentados é semelhante à região em que está inserido cada projeto: 42% dos assentamentos alcançaram produtividade superior à média municipal (para um produto significativo para aquele assentamento); em 10% obtiveram produtividade igual; e em 48% apresentaram menor produtividade do que a média dos estabelecimentos do município (LEITE et al., 2004).

⁶ As regiões pesquisadas, denominadas *manchas*, por concentrarem grande número de assentamentos foram o entorno do DF - GO e MG; o sertão do Ceará; o sudeste do Pará; o oeste de Santa Catarina; sul da Bahia e zona canavieira do NE (AL, PB e PE), totalizando 39 municípios.

Além da melhoria nos rendimentos que vêm obtendo, há melhorias nas condições de habitação, tanto objetiva como, subjetivamente, uma vez que permite acesso à casa própria e ao desenvolvimento de amplas ações comunitárias. A alimentação ganha em qualidade, pois passaram a dispor de mais e melhores alimentos (FERRANTE; BARONE; BERGAMASCO, 2005, p. 52).

A análise dos assentamentos, no entanto, não deve se limitar aos aspectos monetários e econômicos da produção agropecuária. Os assentamentos apresentam uma realidade complexa e dinâmica, em que diferentes projetos são construídos e expectativas geradas, estratégias familiares são redefinidas e uma série enorme de fatores ligados ao contexto regional, às políticas públicas, à organização interna, aos mediadores e aos recursos naturais; embora presentes, nem sempre são passíveis mensuração ou apresentam dificuldades de serem identificados adequadamente naquelas análises (BERGAMASCO e FERRANTE, 1998).

Hespanhol; Costa; Santo (2003) concordam que a implantação dos assentamentos gerou uma maior dinamização da economia local, entretanto, a situação sócio-econômica desses agricultores familiares ainda é bastante frágil, em razão da conjuntura pouco favorável aos pequenos produtores em geral, das dificuldades de obtenção de renda, a partir da exploração da terra, e da dificuldade de organização interna dos próprios produtores rurais.

Bergamasco e Norder (1996) apontam como fatores que influenciam a diferenciação no processo de geração de rendas a existência ou não de apoio governamental ao aprimoramento técnico-econômico dos projetos, o acesso ao crédito; a qualidade do solo e o tamanho da área agricultável; a experiência e os prévios recursos financeiros e produtivos de cada família; o sistema local e regional de comercialização da produção; a distância e o acesso aos centros consumidores.

Os assentamentos rurais do oeste paulista, região que se diferencia das demais localidades do Estado por tratar-se de um conjunto de áreas desapropriadas que se aproximam do conceito de área reformada⁷. Atualmente são mais de 30 Projetos de Assentamento em diferentes fases de desenvolvimento.

Estes assentamentos têm como atividade produtiva principal a pecuária leiteira devido a um conjunto de fatores, porém a principal razão de adotarem essa atividade está no fato de garantir uma renda mensal, ou seja, representa a garantia de entradas monetárias mínimas a cada mês, de modo que eles possam assumir compromissos de despesas no período

⁷ Na região do Pontal do Paranapanema há mais de cem assentamentos, mas quase todos foram constituídos em áreas consideradas públicas, pois os supostos proprietários não dispunham de documentação legal das áreas.

com certa segurança. De forma complementar, mas não menos importante, é a possibilidade de vender os bezerros a cada ciclo produtivo. Além disso, é uma atividade de baixo risco, não há perda total, a comercialização é garantida e mesmo as oscilações de preços apresentam certa previsibilidade quando comparada, por exemplo, com as culturas anuais (TARSITANO, et al.,2008).

O assentamento Estrela da Ilha, em Ilha Solteira/SP, foi criado em 2005 e é constituído por 206 famílias, assentadas em lotes com área em torno de 14 hectares. Este trabalho apresenta os dados relativos a uma pesquisa (realizada em 2008) que abrangeu 155 famílias e realizou um diagnóstico socioeconômico das unidades de produção, visando analisar a evolução local desde sua implantação.

2. METODOLOGIA

A caracterização dos moradores do assentamento “Estrela da Ilha” e do local, foi realizada por meio da aplicação de um questionário sócio-econômico aplicado a 155 famílias (escolhidas ao acaso), ou seja, cerca de 75% dos assentados. No questionário foram levantados dados do perfil das famílias, das condições dos lotes, da produção e comercialização dos produtos oriundos dos lotes, entre outras informações, como a demanda por formação técnica e dificuldades existentes.

A pesquisa foi realizada durante o ano de 2008 pelos participantes do Guatambu Grupo de Extensão e Pesquisa sobre Desenvolvimento Rural e Sustentabilidade da Unesp de Ilha Solteira. Este grupo existe desde 2004 e é composto por alunos dos cursos de Agronomia e Zootecnia e por dois professores do Departamento de Fitotecnia, Tecnologia de Alimentos e Sócio-Economia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados apresentados a seguir referem-se à pesquisa realizada com as 155 famílias do Assentamento Estrela da Ilha, em 2008.

A faixa etária predominante dos titulares do lote se encontrava entre 31 e 60 anos, com 73,7% dos entrevistados, sendo que do total 40% tinham entre 41 e 50 anos de idade (Figura 1).

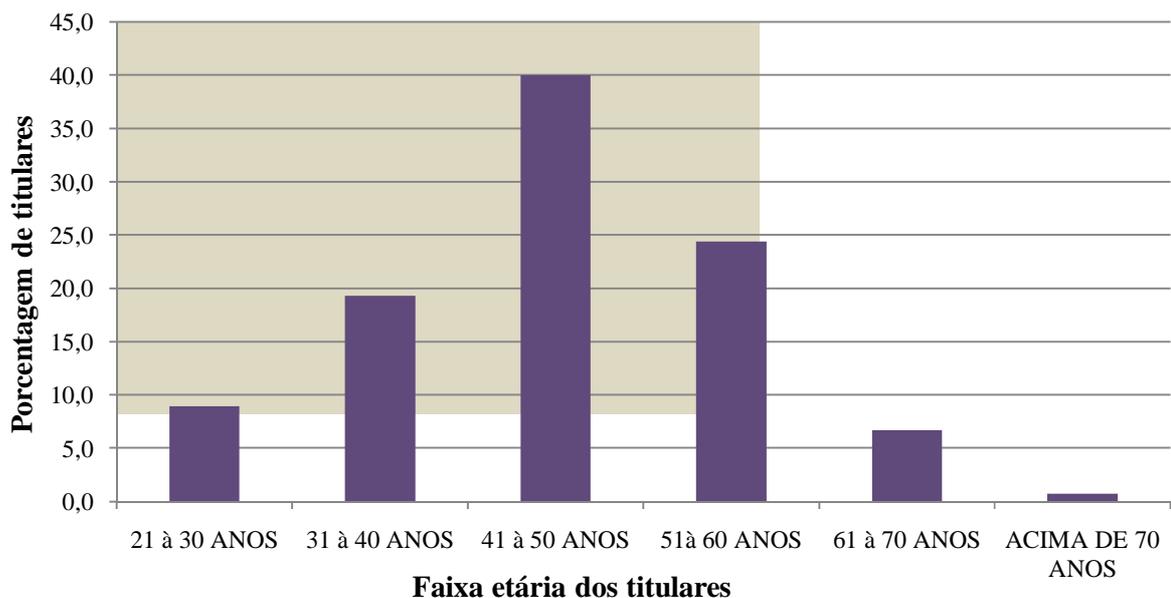


Figura 1: Faixa etária dos titulares de lotes pesquisados. Fonte: Dados da Pesquisa 2008.

Em relação ao nível escolar dos produtores entrevistados que moram nos lotes, observou-se que 78,1% (100 titulares) não ultrapassaram o ensino fundamental, sendo que a maior parte estudou no máximo até a 4ª Série do Ensino Fundamental. Apenas 17,2% concluíram ou cursaram parte do Ensino Médio. Dentre os titulares entrevistados apenas 2 declararam ter cursado o ensino superior. Já aqueles que se declararam analfabetos somam 3,1% (3 titulares), tal índice é relativamente baixo, quando comparado com outras pesquisas realizadas na região por Sant´Ana et. al. (2007), que constatou uma média de cerca 9% dentre os titulares de lotes de oito assentamentos da região (esta diferença provavelmente deve-se ao fato dos assentamentos investigados por Sant´Ana serem mais antigos).

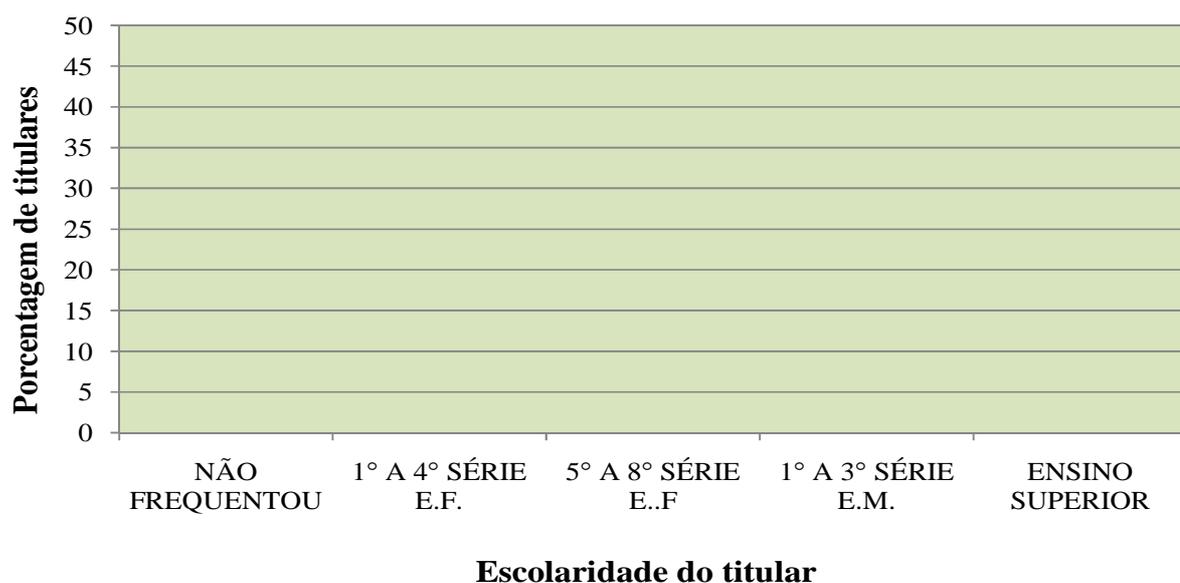


Figura 2: Escolaridade dos titulares de lotes pesquisados. Fonte: Dados da Pesquisa 2008.

Em relação à escolaridade dos filhos maiores de 14 anos a Figura 3 mostra que a grande maioria dos filhos dos produtores frequentou a escola no mínimo até o Ensino Médio 89,9%, (107 filhos) o que mostra uma evolução significativa em relação à escolaridade dos pais. O maior percentual (58,8%) é o daqueles que frequentaram até o ensino médio, enquanto outros 26,1% estudaram até o segundo ciclo do ensino fundamental (5ª a 8ª série) e somente 10,1% cursaram o ensino superior. Nenhum filho, dentre os que moram nas propriedades, está incluso entre aqueles que nunca chegaram a frequentar a escola (Figura 03).

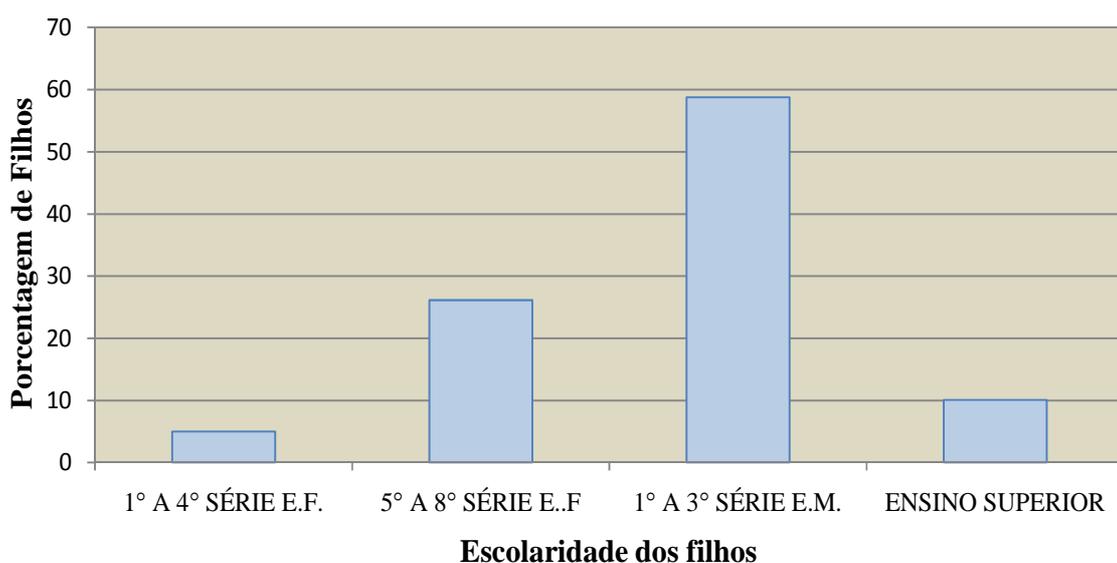


Figura 3: Escolaridade dos filhos dos titulares de lotes pesquisados. Fonte: Dados da Pesquisa 2008.

Quanto à profissão exercida pelos titulares antes de se tornarem acampados, pode-se verificar que a maioria (59,4%) dos produtores não exercia atividade agrícola, o que pode estar relacionado a certas dificuldades encontradas por estes produtores em se estabelecerem de forma mais adequada nos tipos de atividades possíveis no lote. Esse é um caso de assentamento rural que se diferencia dos demais devido a esse fator, pois uma pesquisa realizada por Leite et al. (2004) traz informações importantes que permitem completar o perfil aproximado da população assentada no Brasil (os dados de campo da pesquisa, neste caso, são do ano agrícola 1998/99). A grande maioria das famílias, mais de 80%, já vivia na zona rural do mesmo município ou do município vizinho e 94% dos responsáveis pelos lotes já tinham tido experiência agrícola ao longo da vida. O tipo de experiência agrícola mais frequente é o de assalariamento, totalizando 46% dos responsáveis por lotes; seguida pelo arrendamento/parceria que compunha a experiência de 34% dos titulares de lote. Os membros não remunerados da família (12%), proprietários (7%) e posseiros (4%) constituem-se em experiências agrícolas menos frequentes no conjunto das áreas pesquisadas, embora possam ter destaque em algumas regiões.

Tabela1: Atividade exercida pelos titulares dos lotes antes de se tornarem acampados.

ATIVIDADE	Nº DE PRODUTORES	(%) PRODUTORES
ATIVIDADE NÃO AGRICOLA	89	57,4
TRABALHADOR RURAL	62	40,0
MEMBRO NÃO REMUNERADO DA FAMILIA	4	2,6

Fonte: Dados da Pesquisa 2008.

No que diz respeito a atividades remuneradas externas à propriedade, verificou-se que em 50,9% das famílias havia algum membro trabalhando fora do lote tanto em período parcial ou integral, sendo que destes, 46,8% eram proprietários ou cônjuges. Estes números evidenciam a grande necessidade da complementação da renda dessas famílias, ou até mesmo a necessidade de buscar mais recursos para serem aplicados no lote.

Quanto à estrutura da moradia destas famílias no momento da pesquisa, pode-se observar que 91,6% destas já moravam em casas de alvenaria, algumas já com acabamento e outras ainda sendo terminadas. Apenas 6,5% das famílias ainda moravam em casas de madeira e somente 3 das famílias pesquisadas moravam em casas de lona.

A bovinocultura está presente em 136 lotes (87,7%), com um número médio de 22 cabeças por estabelecimento e na maioria dos casos é a principal atividade geradora de renda do lote. Conforme se observa na tabela 2, um total de 76,4% dos lotes concentra entre 11 e 40 cabeças de gado, contudo a presença de estabelecimentos com até 10 animais é bastante considerável, somando 23 lotes.

Tabela 2: N° de cabeças (bovinocultura) presentes nos lotes.

N° DE CABEÇAS	PROPRIEDADES	(%)
1 a 10	23	16,9
11 a 20	55	40,4
21 a 30	28	20,6
31 a 40	21	15,4
41 a 50	5	3,7
acima de 50	4	2,9

Fonte: Dados da Pesquisa 2008.

No que tange à produção de leite, problemas de manejo têm acarretado forte sazonalidade da produção, sendo que a média observada durante o período das águas é de 49,2 litros/dia, já no período seco a média é de 25,6 litros/dia, uma drástica redução de 52%. Pode-se observar este fato na Figura 04, no período da seca 55,8% dos agricultores produzem no máximo uma média de 20 litros/dia (5,4% não produziram nada), enquanto no período das águas 80,6% conseguem uma média superior a esta.

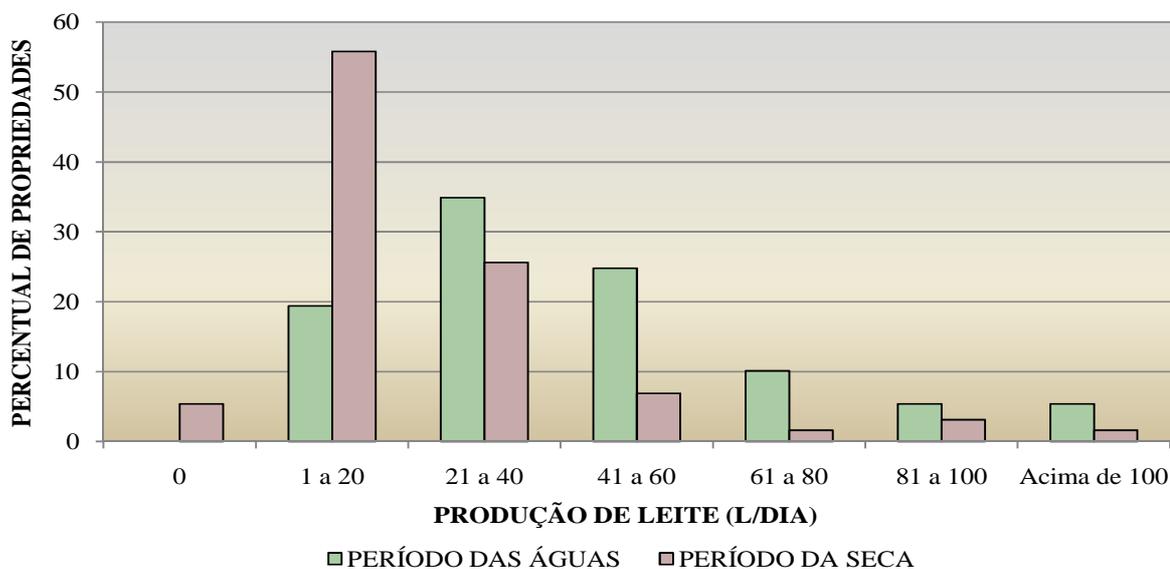


Figura 4: Produção diária de leite dos lotes pesquisados. Fonte: Dados da Pesquisa 2008.

As principais culturas, de acordo com a frequência em que estão presentes em todos os lotes pesquisados foram, a mandioca, cana de açúcar, milho, abóbora e feijão e podem ser observadas na Tabela 3. Muitos declararam também possuir hortaliças e frutíferas em geral, o que demonstra uma considerável diversidade de produção existente nos lotes, mas são poucas as culturas que são comercializadas.

Tabela 3: Principais culturas presentes nos lotes pesquisados em termos de frequência em que estão presentes nos estabelecimentos.

CULTURAS	Nº DE LOTES	(%) DE LOTES
MANDIOCA	113	72,9
CANA DE AÇUCAR	95	61,3
MILHO	95	61,3
ABÓBORA	64	41,3
HORTA	54	34,8
FEIJÃO	49	31,6
FRUTÍFERAS	47	30,3

Fonte: Dados da Pesquisa 2008.

Com relação às espécies animais (exceto bovinos), verificou-se que 122 assentados do total de entrevistados, criam em seus lotes aves (frangos e galinhas caipiras); 92 assentados possuem suínos; 5 produtores afirmaram criar caprinos, e apenas 1 entrevistado declarou possuir criação de peixes. Animais de serviço (equínos) estão presentes em 112 lotes.

Tabela 4: Exploração animal (exceto bovinos) verificada nos lotes.

ESPÉCIES	Nº DE LOTES	% DE LOTES
AVES	122	78,7
EQUINOS	112	72,3
SUÍNOS	92	59,4
CAPRINOS	5	3,2
PEIXES	1	0,6

Fonte: Dados da Pesquisa 2008.

Em relação à comercialização pode-se verificar que cerca de 59% dos produtores já comercializavam algum produto tanto de origem animal como vegetal diretamente ao consumidor ou para o comércio varejista (supermercados, quitandas, feirantes e açougues). Dentre estes produtos, os mais citados pelos produtores foram abóbora, mandioca, quiabo, aves, suínos, bovinos, pimenta, maxixe, leite e milho (Tabela 5).

Tabela 5: Produtos comercializados diretamente ao consumidor.

PRODUTOS	Nº DE PROPRIEDADES
Abóbora	19
Mandioca	14
Quiabo	9
Aves	9
Suínos	8
Bovinos	8
Pimenta	8
Maxixe	7
Leite	6
Milho	6
Queijo	3
Doces	3
Feijão	3
Requeijão	2
Ovos	2
Outros	11

Fonte: Dados da Pesquisa 2008.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os titulares dos lotes a maior parte apresenta idade entre 41 e 50 anos, demonstrando certa experiência de vida e apesar dos mesmos apresentarem baixo grau de escolaridade, seus filhos alcançam níveis mais elevados, o que indica uma tendência de melhoria na educação.

A maioria dos titulares entrevistados não exercia atividades agrícolas antes de se tornarem acampados. Este fato pode estar diretamente relacionado com as possíveis dificuldades que esses produtores encontram no desenvolvimento de certas atividades no lote, e por isso não estão em um grau de desenvolvimento adequado. Possivelmente isto contribui para o número significativo de famílias que precisam complementar a renda exercendo atividades remuneradas fora do lote.

Quanto à estrutura da moradia destas famílias no momento da pesquisa, pode-se observar que a grande maioria já morava em casas de alvenaria, algumas já com acabamento e outras ainda sendo terminadas.

A bovinocultura está presente na maioria dos lotes, e na maioria dos casos é a principal atividade geradora de renda do lote. A sazonalidade da produção de leite é muito

significativa, sendo que a produção no período da seca reduz-se a metade daquela obtida nas águas.

As principais culturas, de acordo com a frequência em que estão presentes em todos os lotes pesquisados foram, a mandioca, cana de açúcar, milho, abóbora e feijão, além de hortaliças, frutíferas em geral e pequenos animais, o que demonstra uma razoável diversidade de produção existente nos lotes, ainda que boa parte se restrinja apenas ao autoconsumo.

Outro aspecto que merece destaque é que cerca de 59% dos produtores já comercializavam algum produto tanto de origem animal como vegetal diretamente ao consumidor ou para o comércio varejista, ou seja, estão buscando construir formas diferenciadas de comercialização e incremento na geração de renda.

Considerando que em 2008, o Assentamento Estrela da Ilha tinha cerca de três anos de implantação estes resultados relativos à produção são bastante significativos e demonstram um grau de dinamismo considerável.

5. REFERÊNCIAS

BERGAMASCO, S. M. P. P.; NORDER, L. A. C. **O que são assentamentos rurais**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 87 p. (Coleção Primeiros Passos, 301).

BERGAMASCO, S. M. P. P.; FERRANTE, V. L. S. B. No reino da modernização: o que os números do Censo da reforma agrária (não) revelam. In: OS ASSENTAMENTOS de reforma agrária no Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 170-204.

DELGADO, G. C. A realização da produção na Reforma Agrária. *Reforma Agrária*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 37-44, 2005.

FERRANTE, V. L. S. B.; BARONE, L. A.; BERGAMASCO, S. M. P. P. A maioria dos assentamentos rurais em São Paulo: impasses do presente, dilemas do futuro. In: _____; ALY JUNIOR, O. **Assentamentos rurais**: impasse e dilemas (uma trajetória de 20 anos). São Paulo: INCRA, 2005. p. 37-69.

FERREIRA, B. A reforma agrária no governo Lula. Balanço: 2003 a 2005. *Reforma Agrária*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 11-35, 2005.

HESPANHOL, A. N.; COSTA, V. M. H. M., SANTO, C. R. E. Os assentamentos e os reassentamentos rurais na região de Andradina - SP. In: BERGAMASCO, S. M. P. P.; AUBRÉE, M.; FERRANTE, V. L. S. B. (orgs.). **Dinâmicas familiar, produtiva e cultural nos assentamentos rurais de São Paulo.** Campinas, SP: FEAGRI/UNICAMP/UNIARA/INCRA, 2003. p. 105-124.

LEITE, S. et al. *Impactos dos Assentamentos: um estudo sobre o meio rural brasileiro.* Brasília: IICA/NEAD; São Paulo: Ed. Unesp, 2004. 392p.

SANT´ANA, A. L. et al. Estratégias de Produção e Comercialização dos Assentados da Região de Andradina, Estado de São Paulo. *Informações Econômicas, SP*, v.37, n. 5, maio 2007, p.29-41.

TARSITANO, M. A. A., SANT´ANA, A. L., PROENÇA, Ércio Roberto, RAPASSI, R. M. A. Tecnologia e renda da pecuária leiteira em um assentamento da região de Andradina-SP. *Informações Econômicas. Instituto de Economia Agrícola*, v.38, p.69 - 79, 2008.